

ABRIL | 2004

ambiente 93

www.revista-ambiente.com.ar

Construir con incertidumbre

"Reunidos em grupo abatem as árvores maiores e em seguida usam o fogo como único instrumento para limpar o terreno. Aí, entre troncos abatidos e tocos não destruídos pelo fogo plantam a roça. Para os fins estritos de alimentação de uma família, essa técnica agrícola é suficiente. Tem-se repetido comumente no Brasil que a causa dessa agricultura rudimentar está no 'caboclo', quando o caboclo é simplesmente uma criação da economia de subsistência"(1).

A FAVELA COMO LOGAR

Por Eber Pires Marzulo*



No Brasil, nenhum espaço é mais emblemático da vida dos pobres nas metrópoles que a favela. Centenária, a favela carioca é aquela que funciona como referente para se pensar o processo de ocupação das metrópoles brasileiras pelos pobres. Ocupação e construção da metrópole, realizadas em um mesmo movimento pelos mesmos sujeitos e atores sociais. Construção dupla, pois, ao mesmo tempo, os pobres moradores das favelas, por princípio ocupadas sem uma legalidade hipotética - já que a legalidade não é questionada para a ocupação dos outros espaços urbanos pelas demais classes sociais e suas frações - estiveram envolvidos na construção do espaço urbano da metrópole, diretamente como trabalhadores da construção civil ou indiretamente como prestadores de serviços a todos envolvidos nesse processo de construção material da metrópole brasileira como mecânicos, zeladores, guardas, motoristas, office-boys etc. Foram eles também os responsáveis pela transformação dos morros e da periferia desocupada em espaços de moradia, estendendo a área urbana e participando diretamente da metropolização das cidades brasileiras. Trabalhadores não qualificados que

esporadicamente eram inseridos na estrutura de classe ou ficavam em sua periferia, como um verdadeiro exército industrial de reserva, hoje vêm a si próprios e a seus descendentes sofrerem as consequências das políticas liberais e das transformações contemporâneas nas relações de produção capitalistas. Subempregados, trabalhadores precários ou idosos pobres reféns de suas aposentadorias miseráveis que, ainda assim, muitas vezes sustentam as novas gerações lançadas à própria sorte, sem emprego, nem trabalho, sequer com uma profissão, mas que, em sua maioria, resistem a entrarem no crime que, exatamente por essas condições, tem sua ponta mais visível localizada nos espaços dos pobres: nos morros e nas periferias. Nas favelas. Uma história urbana que começa sob condições semelhantes às aquelas encontradas nos espaços rurais originários dessas famílias então submetidas aos limites de uma economia de subsistência. Uma epopéia, assim lembrada pelos seus sujeitos:

“

Quando eu vim para cá o morro era todo de terra, não tinha organização nenhuma. Não tinha esgoto. Era pedra! Era pedra em cima de pedra. Não tinha água, pegava lá em baixo na ladeira, não tinha escada de cimento era de madeira. Era tudo de madeira, barraco. Inclusive quando a minha família veio morar aqui era de madeira também. (A casa) Ele vermelhão. O telhado era telha. É, sempre foi ali à cra pequena. O chão era de cimento, aqueasa dos meus pais. Foi a prefeitura, ele (pai) era funcionário público, aí teve uma obra, então teve que sair quem morava. Então ele foi onde ele trabalhava, então o engenheiro arranjou esse lugar aqui para gente morar. É, meu pai trabalhava na prefeitura e foi falar com o engenheiro. O engenheiro mandou construir essas casas para os funcionários (2).

”

(1) FURTADO, Celso 2001 *Formação econômica do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional. p. 120-1.

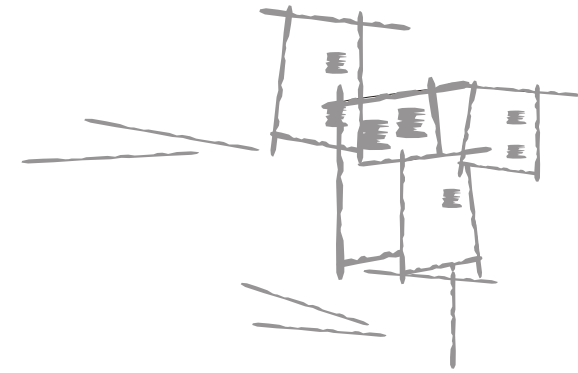
(2) *Depoimento de morador antigo da favela Pavão-Pavãozinho.*

Foi dessa forma que os pobres, enquanto construíam a metrópole, construíam, à sua maneira, um lugar próprio. Importante notar a participação nessa dinâmica de agentes do poder público, que embora informal, são compreendidas pelos testemunhos como estabelecendo um patamar de legitimidade à ocupação. Os pobres, muitas vezes, não ocuparam os morros a revelia das autoridades, mas, pelo contrário, tendo agentes do Estado ou mesmo do mercado, como os proprietários das terras, viabilizando a construção de seus barracos. Só mais tarde, com o processo de consolidação física e institucional das favelas, aparece a figura da associação de moradores como legitimadora e organizadora das ocupações. Esse é um exemplo do envolvimento das esferas institucionais na dinâmica de ocupação dita irregular, informal, ilegal, particularmente encontrado nas favelas mais antigas. Outras formas aparecem no interior da dinâmica de configuração das favelas, tais como as ocupações organizadas, os loteamentos ilegais e, mesmo que rara, a ocupação individual. Uma periodização tipificada da dinâmica de evolução dos padrões de configuração arquitetônica e urbanística das favelas, pode ser assim apresentada:

1)

primeiro, a construção de barracos, que dados empíricos apontam para uma dinâmica na qual desde os primórdios da ocupação são detectadas relações de compra-venda e aluguel, isto é, relações de mercado, simultaneamente à autoconstrução que, ironicamente, em geral dependia da autorização de alguma presumida autoridade (o burocrata da prefeitura, como no testemunho acima, o guarda responsável pela área, ou o membro da associação de moradores, por exemplo). Barracos de estuque e depois de madeira que reproduziam uma tipologia (com poucos aposentos, cozinha e banheiro separados, chão de madeira) e forma de ocupação similar (sem água encanada, nem luz, inserido na mata) àquela encontrada na roça, aliás,

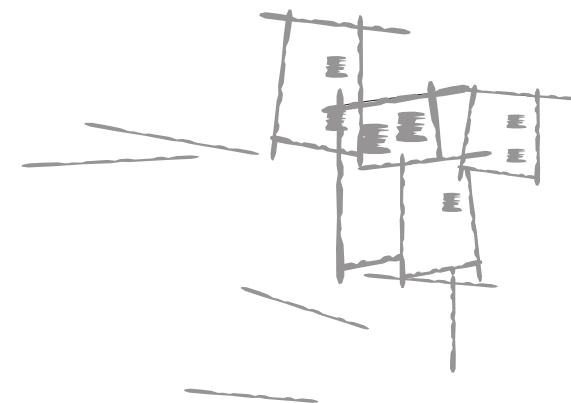
lócus da economia de subsistência, refúgio seguro histórico para todas as crises macro-econômicas do país até então, do canavial ao café, de onde grande parte desses construtores da favela e da metrópole se origina, lançados na aventura da modernidade pela polarização que as benesses da sociedade urbano-industrial gerou para quem vivia sistematicamente enfrentando as dificuldades de uma vida pré-moderna e rural, imersos em uma outra pobreza, ainda com menos alternativas;



2) depois, o processo de densificação e aumento quantitativo do número de construções e da própria área construída, paulatinamente destruindo a semelhança com a roça e criando sua própria imagem - barracos aglomerados, quase sem distância entre um e outro. É a favela clássica, apresentada no cinema e cantada em samba. A favela do "barracão de zinco, pendurado no morro";

3) algum tempo depois, com a dinâmica de consolidação se desenvolvendo, o investimento familiar, na forma mais explícita e estendida de rede social, na transformação dos barracos em casas de alvenaria, sempre autoconstruídas, no sentido de não serem projetadas, embaladas pelas primeiras políticas de urbanização das favelas, no caso carioca a partir da primeira metade dos anos 80 do século XX. Essa dinâmica de transformação dos barracos em casas de alvenaria gera novamente a extensão das áreas de cada moradia;

4) em seguida, começa a verticalização ou a preparação para tal, através da incorporação da laje e o descarte definitivo do telhado. Uma verticalização que nas favelas em morros, as mais tipicamente cariocas, as escarpas são aproveitadas como limites fazendo com que muito comumente os andares superiores ganhem área em relação aos inferiores, em uma peculiar arquitetura onde a verticalização não edifica prédios enquanto unidade, mas conjunto de moradias sobrepostos, pois os acessos são sempre externos não havendo possibilidades para circulação interna à edificação. Essa tipificação dos diferentes momentos de construção e transformação no padrão de ocupação e material é assim relatada por um morador do Pavão-Pavãozinho:



“

Depois que começou a chegar o pessoal foram montando um barraquinho ali, aí o morro foi enchendo, e depois quando houve as enchentes que teve aquele desabamento já tinha já bastante casa de alvenaria, o que causou desabamento foi isso, foi que o pessoal foi acumulando casa uma encima da outra, aí quando veio aquela chuva forte, o lixo veio trazendo tudo e foi jogando as casas no chão, lá no Pavãozinho, no nosso lado Pavão, não teve nada disso não. Foi aí, que começou a urbanização no morro, foi na época que o Brizola veio e viu aquela catástrofe e aí assumiu urbanizar o morro. Mudou, mudou muito, era tudo de madeira, aí teve aquele projeto que ele fez, cada família é um lote, aí cada um fez uma ficha e ficou com o seu pedaço que morava e foi podendo construir (3).

”

(3) Depoimento de morador antigo da favela Pavão-Pavãozinho.



A tragédia impulsiona as ações públicas na favela que passa a ser reconhecida enquanto espaço urbano. A favela como espaço urbano começa a sair da clandestinidade, mas não da marginalidade. Densifica-se, se verticaliza, assume taxas de ocupação imensas, estabelecendo estranhas arquiteturas e traçados internos cada vez mais próprios, em virtude do processo de urbanização e do padrão construtivo. Uma dinâmica que tem nas redes sociais familiares seu epicentro.

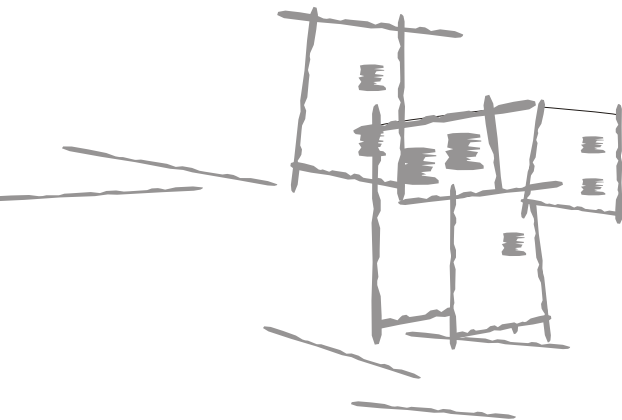
A ampliação pelas famílias de suas residências, através da extensão das moradias e da construção de novas passa a ser realizada, sempre em função das necessidades de seu alargamento, seja pelo casamento dos filhos ou da incorporação de novos integrantes que chegam de seus locais de origem, pela incorporação da laje nas construções e a posterior verticalização. O desenvolvimento tecnológico é apropriado de forma criativa e os telhados, antes de zinco -extraído de latas de óleo de soja comestível-, e depois de amianto ou telhas, hoje aparecem na forma de lajes de concreto.

E a favela passa a contar com terraços. Terraços que são utilizados primeiro como espaço de lazer, seja para as confraternizações familiares,

em especial o churrasquinho de pedaços de carnes na grelha acompanhado de cerveja e samba dos domingos, seja como lugar de brincadeiras para as crianças, em particular para que soltem suas pipas, pois as altíssimas taxas de ocupação tornaram raros os espaços abertos no interior da favela.

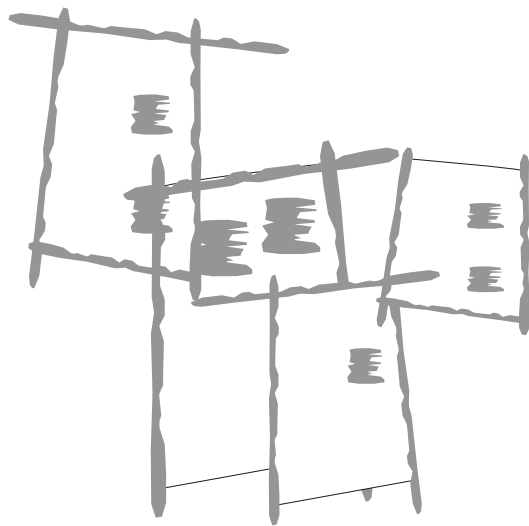
Além disso, as lajes servem também como área de serviço e assim, antes de virarem moradia, já estão inseridas como espaço econômico contribuindo para a pequena e instável monetização das famílias. Sua presença é tão intensa na favela que as lajes se transformam muitas vezes em verdadeiros caminhos aéreos, particularmente usados para controlar as incursões policiais pelos jovens ligados, nessa função ainda de forma tênue e indireta, ao tráfico, cuja sinalização é realizada tanto pelo lançamento de pipas ao vento como pelo estouro de foguetes.

Cada andar criado pela laje gera uma nova possibilidade de verticalização. As mutações sistemáticas, típicas da sociedade contemporânea, nas famílias transformam a expansão das áreas de moradia e a verticalização em um estoque imobiliário crescente que vai alojar os novos moradores, em geral oriundos da periferia da metrópole ou do nordeste brasileiro.



As lajes viram capital imobiliário. E a consolidação da favela como espaço urbano torna-se absolutamente definitiva. Essa consolidação, explicitada na verticalização das favelas das metrópoles brasileiras, permite a existência de fluxos de moradores esporádicos, tanto quanto o desenvolvimento de locais para atividades comerciais.

Tem-se, no interior dessa dinâmica arquitetônico-urbanística, o fortalecimento do sempre presente mercado imobiliário, agora extremamente aquecido, onde nas maiores e mais consolidadas favelas as relações mais intensas são de locação de quartos para jovens, normalmente os sujeitos sociais dos contemporâneos fluxos intrametropolitanos, e pequenas casas/apartamentos, para grupos de jovens ou famílias, muito seguidamente originários dos fluxos inter-regionais que ainda hoje se mantém. Dentro dessa dinâmica, aproveitando-se de uma certa "cultura da laje" no fazer construtivo na favela contemporânea, é que surgem os empreendedores imobiliários que investem seu tempo, sua capacidade de trabalho e pequena monetização na construção de mais andares sobre edificações onde, normalmente, habitavam, acelerando a verticalização, a dinâmica imobiliária e o fluxo dos pobres que transitam no interior do espaço metropolitano.



Os becos, que marcaram a configuração da favela clássica, se transmutam em verdadeiros túneis sob as edificações e escadarias que levam as habitações, na medida em que a verticalização nas favelas situadas em morros não configura exatamente prédios, mas, antes, habitações sobrepostas verticalmente, criando caminhos sob os pilares e mesmo em áreas que circundam as edificações, tornando os já tortuosos becos em labirintos indescritíveis e levando a proliferação do número de escadarias, nas quais se misturam as que são caminhos no interior da favela e as que servem de acesso às moradias.

Andar pelo interior de uma favela desse tipo é uma experiência sensorial radical para quem vem de espaços projetados pela racionalidade moderna.

Num contexto mundial em que se debate cada vez mais a proliferação de não-lugares (4) e dinâmicas de padronização do espaço à revelia das identidades culturais, talvez como expressão da própria crise destas, estaria no espaço periférico ou desarticulado do tecido urbano-metropolitano onde vivem os pobres, exatamente devido a sua formação e a pequena e apenas paliativa ação da modernidade, emergindo lugares?



A experiência histórica de formação da favela mostra claramente sua dimensão cultural, em seu sentido antropológico mais profundo, enquanto espaço que articula cada vez mais as esferas econômica, social e espacial, fazendo com que se constitua como uma totalidade. Contemporaneamente, exatamente em virtude do descaso cada vez maior com o espaço público, a favela, apesar de todas as negatividades atribuídas a sua condição, tornou-se um padrão de ocupação dos pobres moradores da metrópole brasileira, mesmo nos conjuntos habitacionais, na medida em que desenvolveu sua própria forma de verticalização. Após um século de história a favela segue se transformando e se afirma como a forma particular de ocupação espacial dos pobres na metrópole.

No entanto, nos últimos anos, junto a imagem de lugar de violência e controlado pelo tráfico, desenvolve-se uma dinâmica de incorporação da favela como uma espécie de *label*, dos quais uma série de eventos poderiam ser exemplares, como a recente mostra no Rio de Janeiro, *Arquitetura de Encantamento* (5) . Alçada a condição de referencial para arquitetos e urbanistas na forma de exposição, não seria uma manifestação explícita da incorporação desse fazer arquitetônico-urbanístico pelas instâncias de consagração? (6).

(4) Cf. AUGÉ, M. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 1994; IBELINGS, H. *Supermodernismo: arquitectura en la era de la globalización*. Barcelona: Gustavo Gili, 1998.

(5) *Mostra dos trabalhos do francês Joseph Cheval, que construiu durante 33 anos um palácio com pedras, iniciado em 1879, em Hauterives, na França e do brasileiro Gabriel Joaquim dos Santos, que enfeitou sua casa em São Pedro D'Aldeia com cacos de louça, ladrilhos, telhas e pedaços de jarras, a Casa Flor, comparada à obra de Gaudí.. Curadoria de Gisela Magalhães e Amélia Zaluar. Arte Sesc, Rio de Janeiro, de maio à junho, 2003.*

(6) Cf. BOURDIEU, P. *O campo das instâncias de reprodução e consagração*. In: *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1999; 116-154.

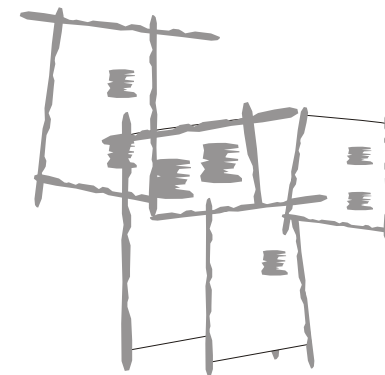
(7) Como a obra de LINS, P. 2000 *Cidade de Deus*. São Paulo: Companhia das Letras.

(8) *Orfeu e Orpheu Negro, o segundo de Marcel Camus e o primeiro uma refilmagem contemporânea da mesma obra por Cacá Diegues, apresentam uma favela caricaturizada e marcada por uma construção absolutamente externa. Já Cidade de Deus, de Meirelles, ao se referenciar em obra literária escrita por um ex-morador do conjunto habitacional que dá nome ao livro e filme, relativiza essa externalidade, porém ao trabalhar com uma estética e estrutura narrativa referenciadas na linguagem da tevê e publicidade provocou uma polêmica sobre a estetização da pobreza. Aliás, procedimento oposto àquele realizado pelo paradigmático Cinema Novo, em especial nas clássicas obras de Glauber Rocha, na apresentação do sertão do nordeste do Brasil. Para um contato com essa tensão entre a filmografia centrada no sertão e nas favelas ver de BENTES, I. www.filmesdequintal.com.br/ivana.htm.*

A construção do referencial imagético da favela como lócus originário de uma determinada produção cultural que cada vez mais penetra os mais diversos bens simbólicos da indústria cultural, seja pela incorporação da produção local, no qual o samba, enquanto expressão musical, e as Escolas de Samba, que participam do desfile oficial no Carnaval carioca, seriam os grandes referenciais; ou em obras produzidas diretamente por sujeitos sociais enraizados nesses espaços (7); seja na apropriação pela indústria de obras produzidas por agentes absolutamente externos, como os filmes Orfeu e Cidade de Deus (8); ou ainda em situações intermediárias, onde a convivência com esse espaço e suas práticas do lugar se manifesta na produção artística (9), não seria sintomática de uma dinâmica que ao afirmar uma determinada identidade a manipula, reificando-a e assim retirando sua força identitária como referencial espacial dos pobres que vivem na metrópole?

Na favela, agora entendida não em seu sentido econômico e jurídico jural, mas como esse padrão de ocupação do urbano, não está sintetizada apenas a história dos pobres no Brasil, mas também a história espacial da

formação sócioeconômica brasileira. Construtores desse espaço *sui generis*, a favela brasileira contemporânea, foram esses mesmos pobres, seus ascendentes, que historicamente fizeram parte dos grandes fluxos migratórios inter-regionais e fizeram as metrópoles de hoje. Literalmente, os verdadeiros construtores do país. Memória viva de nossa história, testemunhos de carne e alma da construção de uma nação.



(9) Cf. JACQUES, P.B. 2003 *A idéia de labirinto: Hélio Oiticica e a Mangueira.*, in *Seminário Arquitetura e Conceito, Belo Horizonte: UFMG, CD.*

*Departamento de Urbanismo da Faculdade de Arquitetura da UFRGS. Doutorando IPPUR/UFRJ IRIS/Dauphine, ParisIX Sociólogo, Mestre em Planejamento Urbano e Regional marzulo@uol.com.br
O presente artigo é parte da tese de doutoramento em elaboração no IPPUR-UFRJ, sob a orientação do prof. Dr. Frederico Araujo e tem o apoio da UFRGS-CAPES/MEC e CNPq

